

UM HOMEM SEM SUA PÍLULA VERMELHA ESTÁ FADADO AO FRACASSO: DESVENDANDO O COMPORTAMENTO REDPILL¹⁰⁷

ISABELA RODRIGUES REGAGNAN
BÁRBARA SOUTO

Introdução

No início deste ano, um “influenciador” saiu da bolha masculinista quando um trecho de um de seus vídeos se tornou viral. Nesse trecho, ele descreve um cenário hipotético no qual uma mulher oferece cerveja a um homem que já está bebendo outra coisa, nesse caso, um Campari¹⁰⁸. Ele argumenta que essa oferta é um tipo de teste que as mulheres aplicam para rebaixar e subjugar os homens desde o primeiro contato. Essa situação resultou em uma onda de ridicularização e levou o influenciador a enfrentar consequências legais depois que ele ameaçou uma humorista de morte por satirizar suas declarações. “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso processo ou bala. Você escolhe”, escreveu o autor em mensagem para a humorista. Ao adotar essa narrativa, o *coach* fundamenta sua visão em um estereótipo do “homem verdadeiramente masculino”, sustentado pela defesa de uma ordem patriarcal e cisheteronormativa na sociedade contemporânea. Por outro lado, percebemos como este caso evidencia as fragilidades subjacentes à construção de uma identidade masculina moderna.

Tendo em vista a ascensão dos governos totalitários e do neoliberalismo, é visível na sociedade atual a raiva enfurecida dirigida aos movimentos feministas e seus avanços no âmbito do social. Flávia Biroli (2020, p. 174) aponta que “A construção do feminismo como ameaça a toda sociedade, pelos neoconservadores, indica sua reação não apenas aos avanços[...], mas também aos feminismos, assim como os movimentos LGBTQI, *enquanto atores políticos*”.

Através do que é trazido por essa autora, percebemos como esses movimentos afetam outros sujeitos de forma cultural, social e política. Fazemos esses apontamentos para refletir sobre o ódio direcionado aos movimentos feministas e às mulheres, para além dos movimentos sociais em espaços públicos, mas também, para tentar compreender como este ódio se alastrou com veemência no *ciberespaço*, principalmente por homens que elaboraram comunidades e fóruns e que, hoje,

107 O presente estudo faz parte do Projeto “Internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero”, realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

108 Em meio a essa discussão o Grupo Campari emitiu uma nota “em razão dos últimos acontecimentos envolvendo o nome da companhia, vem a público informar que não tem, e nem nunca teve, nenhum tipo de relação, vínculo ou contato com Thiago Schutz. Campari se solidariza com todas as mulheres que foram envolvidas nesse caso de misoginia e ameaças, e rechaça veementemente toda atitude preconceituosa e violenta manifestada por este influenciador.”

perpetuam discursos de ódio e comportamentos misóginos dentro e fora desse universo virtual, um *continuum* que borra as fronteiras entre as ações e consequências consideradas reais e/ou virtuais (VALENTE, 2023).

Este capítulo surge, portanto, da necessidade de contextualizar – considerando questões de gênero, raça, classe e os padrões heteronormativos –, de um grupo de homens dito *redpill*¹⁰⁹, que ganhou vida na internet, fazendo uso compulsório do espaço on-line para odiar, humilhar, categorizar as mulheres, enquadrando-as em uma estrutura hierárquica de poder na qual as mulheres deveriam ser submissas, ou seja, submetidas a estes homens que muitas vezes se intitulam “alphas”.

Utilizando a metodologia de “Análise de redes sociais” que pode ser encontrada nos estudos netnográficos (KOZINETTS, 2014), a pesquisa em questão optou por analisar os perfis públicos de um brasileiro autointitulado *coach*, que ficou famoso por se enquadrar em um caso de misoginia e se autointitular *redpill*. Desse modo, a metodologia visa, de forma qualitativa, descrever as redes de relações em uma forma completa, extraíndo padrões proeminentes, traçando fluxo de informações, tentando descobrir quais efeitos essas relações e redes geram nas pessoas e/ou organizações (GARTON et al., 1999).

Acreditamos que a tentativa de avaliar os efeitos que essas relações estabelecidas em redes trazem, considerando que o sujeito em questão usa a própria imagem, de inúmeras maneiras, para disseminar e vender uma gama de valores moralmente fundamentalistas e de cunho misógeno, que categorizam e disseminam o enraivecimento contra as mulheres, principalmente para outros homens, além de um antifeminismo enraizado. Por meio de dicas e estratégias elencadas em cursos, mentorias e livros que podem ser adquiridos pelo valor de em média 350,00 reais por ano, estaria garantido o respeito das “verdadeiras mulheres” aos “verdadeiros homens”.

É diante de tais apontamentos, analisando os perfis públicos do indivíduo em questão, que contextualizamos o grupo masculinista *redpill*. A pesquisa busca debater, também, o ambiente que esses homens construíram e que tem sido chamado de “machoesfera”. É importante ressaltar que critérios como gênero, raça e classe são pilares importantíssimos da análise.

Tomando a pílula vermelha, vivendo na machoesfera

O que acontece com o grupo de homens que “tomam” a pílula vermelha? São revestidos pela realidade do ódio, da misoginia, da ideia de que as mulheres devem ser submissas a eles? Ou que os ideais feministas estão alienando em massa a sociedade contemporânea? Qual é a retórica por trás da “machoesfera” em que se enquadram os ditos *redpills*?

O termo *redpill* diz respeito a uma apropriação da ideia da “pílula vermelha”, que o personagem do filme *Matrix* (1999) ingere para ter uma certa noção do “mundo real”. Entretanto, achamos necessário informar o quão irônico é o uso do termo pelos grupos masculinistas, tendo em vista que a obra cinematográfica foi dirigida e roteirizada por mulheres transsexuais, sendo elas: Lana Wachowski e Lilly Wachowski. Desse modo, e seguindo a lógica proposta por membros dos grupos, o século XX estaria encoberto pelo uso da tecnologia em massa, o que proporcionou o encontro de um determinado perfil de masculinidade e que formaram a dita “machoesfera”. A partir disso, ques-

109 A explicação sobre o termo e tradução se encontra no tópico “Tomando a pílula vermelha, vivendo na machoesfera”.

tionamos a legitimidade de um espaço que discute táticas e encoraja novos membros a ridicularizar e proferir ódio às mulheres no campo da internet.

A “machoesfera”, ou a esfera masculina, pode ser vista como um espaço heterogêneo de comunidades e fóruns on-line, pioneiro de técnicas de assédio que alavancam indivíduos, comunidades e governos (VILAÇA; D’ANDRÉA, 2021). Pesquisas recentes feitas nos Estados Unidos da América apontam que entre quatro participantes do grupo daquele país, três eram homens brancos, heterossexuais, de caráter político conservador, com idade entre 18 e 35 anos, ou seja, podemos perceber a existência de um perfil comum e que estaria diretamente voltada para um “movimento do direito dos homens” e do antifeminismo (VILAÇA; D’ANDRÉA, 2021, p. 414). Cabe ressaltar também que o movimento se consolidou nos Estados Unidos da América nos anos 2000, apoiando-se no conservadorismo e nos valores da direita, chegando ao Brasil como um movimento importado por essa mesma onda conservadora e extremista em meados de 2010.

A *manosphere*, e aqui no Brasil, “machoesfera”, tem como elemento constituidor o entrelaçamento com as plataformas on-line, juntamente com as políticas e práticas culturais que caracterizam esses mesmos ambientes on-line (d’Ándrea, 2020). Desse modo, de acordo com Gracila Vilaça e Carlos d’Andréa (2021), esse ambiente on-line é permeado por agrupamentos conservadores que se relacionam diretamente com as ideologias e materialidades da cultura digital, que intensamente vêm abrigando discussões e ações da “machoesfera”. Essa esfera falocêntrica tem consigo temas subjacentes, onde a masculinidade é exacerbada, mesmo que as plataformas tenham finalidades distintas e com públicos heterogêneos (DE SOUZA LIMA-SANTOS; DOS SANTOS, 2022).

A *manosphere* brasileira é ainda um tanto quanto difusa e incipiente, porém tem se expandido extraordinariamente nos últimos anos, particularmente com a ascensão da ideologia autoritária e dos ataques antidemocráticos às instituições brasileiras. Esse incremento pode ser facilmente observado nas redes sociais mais difundidas, como o Facebook, Instagram, YouTube e, notadamente, os chans (DE SOUZA; DOS SANTOS, 2022, p. 1090).

Esse espaço on-line corrobora para que os grupos masculinistas, como os *redpill*, manifestem, de forma espontânea e desimpedida, o assédio e o ódio às mulheres, por simplesmente se mostrarem como mulheres. Os discursos proferidos por esses grupos “objetificam a figura feminina com clara conotação misógina. Ou seja, não existem apenas mecanismos de desigualdade de gênero em jogo, mas uma aversão pelo gênero feminino” (DE SOUZA LIMA-SANTOS; DOS SANTOS, 2022, p. 1096).

De acordo com André Villela de Souza Lima-Santos e Manoel Antônio dos Santos (2022), tal ressentimento sedimenta uma crença de que as mulheres deveriam ser tratadas como gado, tendo seus corpos percebidos enquanto um recurso público, onde os homens teriam o direito pleno de usufruí-los. Todo esse discurso de ódio organiza formas de misoginia on-line, sendo essa uma prática contemporânea. A misoginia adquire configurações diferentes, entretanto, se configura como um meio de perpetuar formas de hierarquia, assim como jogos de poder, onde se há a necessidade de controle (ZANELLO, 2020). É no ambiente on-line, muitas vezes cobertos pelo *status* “anônimo”, que os grupos masculinistas colocam em xeque seus jogos de poder e controle.

Dentro desse espaço virtual onde permeiam questões de gênero, raça e classe, alguns homens dizem ter tomado tal “pílula vermelha” e estão, mais do que nunca, acordados para a realidade da sociedade atual. Uma realidade na qual as mulheres buscam alienar e dominar o social, inferior-

rizando e ridicularizando os homens. Por outras lentes, as ações descritas pejorativamente como “dominação social” podem ser entendidas como parte da mobilização, avanços de direitos de mulheres e conscientização feminista, discussões que também estão presente no *ciberespaço* e que causam reações. Nesse sentido, membros do grupo acreditam ser necessário tomar atitudes para que, em hipótese alguma, o poder das mulheres reverbere ainda mais. A atitude, portanto, estaria em utilizar o espaço on-line para propagar o ódio e a misoginia.

Ainda segundo membros do grupo, a lógica da “pílula vermelha” é que, “mesmo ela sendo difícil de engolir, quando é internalizada, começa-se a enxergar e viver melhor a nova vida”. Mesmo que a verdade doa, eles acreditam existir ali um certo tipo de libertação. Enquanto a obra cinematográfica sugere um tipo de exploração humana, ressaltando o uso das máquinas, o grupo *redpill*, acredita que o feminismo, com um véu de disfarce, explora e oprime os homens (VAN VALKENBURGH, 2021). Esta seria uma espécie de inversão dos ideais feministas que, para os membros do grupo, é erroneamente equiparado ao machismo, mas direcionado aos homens.

Vemos, portanto, que a “machoesfera” é permeada por uma filosofia que rejeita os feminismos. Desse modo, sujeitos que fazem parte da “machoesfera”, entendem a realidade empírica como uma perseguição aos homens e à masculinidade. Ao tomarem a “pílula vermelha”, há uma suposta quebra com estes discursos, há uma transgressão da realidade, como afirma Luís Antônio Alves Meira (2021). Podemos considerar o fenômeno como medo do feminismo e da perda de privilégios? Um contragolpe ou uma reação?

Considerando essa filosofia da “machoesfera” e dos *redpill*, compreendemos que há o (res) surgimento de uma política permeada pelo antifeminismo da esfera on-line, como afirma Angela Nagle (2017). Já Mariana Valente (2023) percebe o crescimento da misoginia on-line como um *continuum* de um ódio que se faz presente na realidade e não como algo inédito. A partir desta questão, podemos pensar qual a importância da regulamentação da internet e das grandes empresas de tecnologia donas das redes sociais que monetizam por meio de algoritmos. Para Meira,

a “Red Pill” funciona como objeto de filiação de sujeitos que se sintam frustrados com alguma inadequação engendrada pelo feminismo e que, portanto, serve como palavra-chave para algoritmos de recomendação que, conseqüentemente, oferecem mais conteúdo de relacionado ao ressentimento engendrado pela inadequação com relacionamentos amorosos (MEIRA, 2021, p. 71).

É importante considerarmos o assunto sobre relacionamentos amorosos desse grupo de homens, pois essa é uma das pautas principais que permeiam tais indivíduos a discursos misóginos dentro do virtual. Em sites de notícias nacionais, existem diversas entrevistas feitas com homens que se enquadram ou já se enquadraram como *redpill*. Nessas entrevistas, eles contextualizam como a frustração com relacionamentos amorosos com mulheres os fazem se voltar a um discurso que perpetua o ódio.

Além de sites de notícias, existem livros, vídeos e outros meios de propagação dos discursos *redpill*. É como se eles definissem uma cartilha para “espalhar a palavra”. Uma das ideias no que tange os relacionamentos e o grupo, é que, com o pacto ao movimento, estes homens fiquem blindados a futuros relacionamentos que tendem ao fracasso, evitando uma suposta “castração masculina”. Na lógica *redpill*, quando uma mulher o rejeita, ela o rejeita não por estar desinteressada, mas sim porque apresenta indicadores que buscam testar a persistência de um homem. Cabe a eles ignorar

esses protestos (VAN VALKENBURGH, 2021). Homens que se sentem banalizados por mulheres, principalmente em relacionamentos amorosos, sentem trincar a sua virilidade, sendo-os reduzidos à humilhação e ao enfraquecimento de sua autoestima.

Podemos dizer que a rejeição é um fator importante para estes homens. No fundo, talvez, eles nutram o desejo e um certo tipo de admissão de possuir segurança emocional e intimidade com as mulheres, como se procurassem “um porto seguro”¹¹⁰ (VAN VALKENBURGH, 2021, p. 95. Tradução nossa). Na busca por parceiras sexuais, estes homens ignoram o lado emocional, que, para eles, não passa de um reflexo feminista que busca iludi-los (VAN VALKENBURGH, 2021). O sucesso sexual deles, portanto, dependeria muito mais do que apenas uma parceira em potencial. “De fato, ser vitorioso no campo de batalha sexual, é preciso impor um campo de treinamento emocional: “Você deve estar disposto e firme com ela, dar-lhe ordens e dizer-lhe ‘não’, mesmo contra uma enxurrada de lágrimas”¹¹¹ (VAN VALKENBURGH, 2021, p. 97 – Tradução nossa). De acordo com esse mesmo autor, o mecanismo para dominar mulheres é ignorar as pistas emocionais. Aos membros da “machosfera”, cabe ser viril. Ignorar e escrutinar os traços de generosidade, simpatia e suas emoções também faria parte deste novo treinamento emocional. Caberia a eles ignorar desconfortos e sinais de protestos vindo das mulheres.

Mentiras sobre como a sociedade funciona de fato

A subcultura masculinista e antifeminista faz amplo uso do termo *redpill* para se diferenciar dos homens que continuariam a viver uma ilusão, sendo, então, enganados pelas mulheres. Os membros dessa subcultura recorrem a discursos violentos direcionados às mulheres (sejam elas cis, transsexuais ou travestis), pois as culpam por, supostamente, terem causado a perda de seus privilégios. Um dos principais líderes desse movimento no Brasil é o já mencionado autor do livro “Pílulas da realidade (autoconhecimento, propósito, dinheiro & mulheres) – Guia para homens que querem entender o mundo real e trabalhar em seu máximo propósito”. Mais conhecido como “Coach do Campari”, o autor se propõe a resolver questões relacionadas a “relacionamento e masculinidade” para os homens que o seguem por meio de uma conta no Instagram intitulada “Manual Red Pill Brasil”, onde acumula mais de 300 mil seguidores.

Diferentemente da superficialidade pregada no ambiente digital pelos *coachs* masculinistas, o campo de estudos sobre as masculinidades têm sido construído e sistematizado desde a segunda metade da década de 1990, na qual, teóricas/os têm se preocupado em pensar os homens e as masculinidades como faces das relações que produzem desigualdades de gênero, a partir de uma perspectiva feminista crítica (MEDRADO; LYRA, 2008). Nesse sentido, Pedro Ambra (2013, p. 16) utiliza-se do caráter histórico para compreender a construção e o desenvolvimento da masculinidade no Ocidente e apresenta “a atual crise da masculinidade” não como um fenômeno do nosso tempo, mas como característica que atravessa momentos históricos distintos, podendo até ser caracterizada como um fenômeno que marca a própria constituição dessa identidade. Nesse sentido, o autor traça um percurso histórico que expõe diversas crises que surgiram desde o final do

110 No original: “This would seem to be an admission that men harbor a genuine, fundamental yearning for emotional safety and intimacy with women – a “safe haven.”

111 No original: “Indeed, in order to be victorious on the sexual battlefield, one must impose an emotional boot camp “you must be willing to be firm with her, give her orders, and tell her ‘no,’ even against a flood of her tears.”

século XVII na Europa e posteriormente nos Estados Unidos da América e traça um comum desse fenômeno “nascerem em países de civilização requintada, onde mulheres gozam de maior liberdade relativa e parecem consecutivas a alterações ideológicas, econômicas ou sociais”. Assim, sendo a crise da masculinidade um fenômeno que não se situa só num determinado tempo histórico, o que possibilitou a emergência desse fenômeno nos dias atuais?

Segundo pesquisas realizadas em 2010, há um movimento pela defesa da moral cristã na América Latina nos países que passaram a ter governos de esquerda a partir da superação das ditaduras militares. Esse movimento seria uma reação conservadora frente ao novo regime democrático, uma vez que os movimentos sociais feministas e população LGBTQIAP+, puderam pautar demandas de direitos humanos, como direitos sexuais e reprodutivos, entrando em choque com a moral nacionalista familiar do secularismo religioso (2010). Os pesquisadores caracterizaram esse movimento como uma contraofensiva conservadora frente ao que os setores religiosos denominaram de “ideologia de gênero”, uma ofensiva que teve origem no seio da Igreja Católica, em reação à adoção da perspectiva de gênero em todas as políticas econômicas e sociais pela comunidade internacional.

Segundo a teórica feminista Mara Viveros Vigoya (2019), essa mesma ideologia conservadora permeia as diversas experiências interseccionais da “Nossa América”. A autora analisa as distintas marcas que hierarquizam os corpos masculinos (em particular, corpos cisgêneros) e compõem a heterogeneidade dessa experiência no continente. Com isso, percebe como a persistência do modelo de masculinidade branca na América Latina serve para a manutenção e estabilidade político econômica do projeto moderno/colonial. Vigoya (ibid.) analisa uma série de representações midiáticas do ex-presidente colombiano, Álvaro Uribe, e como os valores associados à masculinidade e à branquitude contribuíram para legitimar sua imagem e governo. Apesar de Uribe ter enfrentado diversas críticas pela comunidade internacional, incluindo questionamentos sobre sua ligação com o paramilitarismo e o envolvimento de vários de seus funcionários do alto escalão em corrupção ou vínculos com grupos ilegais, esses escândalos tiveram pouco ou nenhum impacto em sua popularidade local.

Há paralelos significativos com a narrativa que conduziu à eleição do ex-presidente de extrema direita, Jair Bolsonaro. Esses incluem a criação de um inimigo interno para proteger os “cidadãos de bem”, a adoção de uma abordagem bélica e armamentista de governo, a construção de uma figura heroica e viril em defesa dos valores tradicionais. Esses discursos e práticas legitimaram uma perspectiva conservadora de Direitos Humanos, ancorada em valores morais e sustentada por um modelo normativo de masculinidade branca. Esse projeto político de identidade nacional, centrado em uma reafirmação de valores tradicionais, fortaleceu a política antigênero e resultou no silenciamento dessas desigualdades (MOSCHKOVICH, 2023).

Nesse sentido, é possível compreender a ascensão do combate ao que foi denominado “ideologia de gênero”, juntamente da eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2018, como movimentos que fundamentaram o fortalecimento de uma volta a um passado patriarcal. Isso, por sua vez, deu sustentação a uma narrativa violenta ao gênero e aos (poucos) avanços dos direitos das mulheres e da comunidade LGBTQ+. De acordo com a análise das pesquisadoras Carmen Campos e Márcias Bernardes (2022), é possível identificar traços característicos de governos fascistas durante o mandato do ex-presidente, como o desejo de retorno a um passado patriarcal mítico para perpetuar hierarquias que privilegiam homens cis e heterossexuais. Discursos semelhantes são reiterados pelo

universo masculinista dos *redpill*, onde esses homens se utilizam de um léxico discursivo que se opõe ao que consideram um “sistema que favorece mulheres”. Esse discurso, no entanto, não passa de uma tentativa de inverter as hierarquias sociais, – alegando serem marginalizadas pelo quadro político contemporâneo –, para garantir a continuidade de seus privilégios (PAMPLONA, 2021).

Os pilares para a construção de um homem realmente masculino

Ele faz parte da elite masculina e ocupa o topo da pirâmide social, tem a admiração das mulheres e o respeito dos homens. Ele também é branco, cisgênero, heterossexual e ocupa um lugar de privilégio material. O subtítulo deste texto foi retirado da página de mentoria do *coach*, onde, ele utiliza de um discurso de masculinidade essencialista que relega ao corpo uma verdade fundamental ao remeter a uma concepção de natureza fixa do “sexo”, na qual, a biologia determinaria os papéis sociais. Paul Preciado (2022) entende essa diferença sexual como uma epistemologia política do corpo, forjada junto da taxonomia racial durante o século XIX, sendo composta por um conjunto de discursos, práticas e acordos culturais, que permitem à sociedade estabelecer uma ordem normativa da sexualidade. “Essa epistemologia, longe de ser a representação da realidade, é uma máquina performativa que produz e legitima uma ordem política e econômica específica: o patriarcado heterocolonial (PRECIADO, 2022, p. 49).”

Essa concepção que descreve as diferenças estabelecidas entre mulheres e homens como originárias da biologia tem sido uma preocupação dos Estudos de Gênero e Estudos Feministas. Para combater argumentos que de um determinismo biológico se estabeleceu uma distinção entre sexo e gênero, onde o segundo estabelece sentidos e significados construídos socialmente sobre o primeiro; no entanto, a dificuldade em analisar essa relação se dá pela impossibilidade de compreender uma propriedade biológica fora da matriz social (MOORE, 1997). Ou seja, não há nada anterior a cultura, tanto sexo como gênero são construídos socialmente.

Essa epistemologia persistente da diferença sexual, aliada às narrativas de sucesso e *coaching* do neoliberalismo, se faz presente no discurso do influenciador. Através dessa engenharia social, há um processo de destituição subjetiva da ideia de contradição e conflito inerente aos seres humanos, no qual, os sujeitos não se veem mais como portadores de conflitos estruturais, mas sim como operadores de performances; em decorrência disso, os indivíduos internalizam um ideal empresarial de si, no qual, o que define a racionalidade das ações é a lógica de investimento e retorno de capitais (SAFATLE, 2021). Não é sem relação a essa narrativa que o *coach* mercantiliza o tema dos relacionamentos amorosos, no qual, através da analogia da *red pill* ele propõe “doses” de “realidade” sobre diversos temas, como comportamento feminino, casamento, dinheiro e propósito masculino, para descartar tudo que possa entrar no caminho entre o homem e o “sucesso”. Assim, os relacionamentos nada mais são que outro produto a ser consumido. Aliados ao discurso da branquitude e da família tradicional, vende-se uma ideia de sucesso baseada no modelo que sempre ocupou o topo da hierarquia social.

Assim, o “homem realmente masculino” pode ser pensado como um discurso que visa atribuir sentidos ao corpo como uma forma de regulação social que polícia os sujeitos e seus comportamentos. A partir disso, se estabelece uma oposição normativa dos comportamentos considerados

normais ou anormais, no qual, a heterossexualidade é marcada como natural, sendo assim, todos os sujeitos devem organizar suas vidas a partir desse modelo supostamente coerente entre sexo-gênero-desejo. Também apoiada nessa concepção, os estudos de masculinidades compreendem a masculinidade hegemônica como normativa, no sentido de que ela exige que todos os homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação das mulheres aos homens (CONNELL, 2013).

Como argumenta a pesquisadora Raewyn Connell (2013), esse discurso normativo exprime as expectativas em relação às identidades, mas também as práticas que possibilitam a dominação dos homens, podendo ser compreendido através da chave de leitura da masculinidade hegemônica. A ideia é que cada contexto produz as formas mais “honradas” de ser homem, produzindo uma hierarquia das masculinidades, onde, cada cenário social exprime os padrões de hegemonia da masculinidade. Assim, em outras palavras, o “homem” é provisório, pois é constituído no contexto de acordo com os marcadores sociais em determinado tempo-espaço, a partir do que cada época prescreve, narra ou silencia seu modo de ser.

Na ideologia *redpill*, essa hierarquia se estabelece entre os homens *alpha* e *betas*, mas também em relação com às feminilidades; os primeiros são descritos como homens dentro do padrão de beleza europeu, racionais, de personalidade dominadora e lógica, que privilegiam a razão em detrimento da emoção, não se deixando seduzir pelas mulheres; enquanto os *betas* são identificados como homens com menor capital material e com características corporais que não correspondem ao padrão de beleza hegemônico. Segundo a análise dos pesquisadores André Lima-Santos e Manoel dos Santos (2022) os homens *beta* sentem-se injustiçados porque as mulheres não lhe deveriam mais satisfação sexual, o que é sentido por eles como uma violação de um direito natural dos homens.

É interessante pensar como essa hierarquia interna de masculinidades expõe o caráter fictício da construção de uma masculinidade biológica. Michael Kimmel (1998) enxerga essa relação como a produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas na medida em que as relações de poder se entrecruzam e produzem desigualdades de raça, classe social, sexualidade, etc. A partir disso, é possível compreender a subjetividade e o desejo não mais como uma condição natural humana, mas sim produto de uma construção histórica, social e política, fomentada por discursos e disciplinas reguladoras de um território colonizado (MANSANO, 2009). Assim, quando o *coach* expõe que “não tem atração por mulheres de pele escura” como uma opinião, ele revela a ignorância que só um lugar de privilégio pode lhe presentear. Kimmel (1998) retoma a escrita de Georg Simmel (1911) para questionar esse lugar de dupla invisibilidade de um lugar não marcado que a masculinidade branca ocupa:

Se alguém percebe grosseiramente as relações entre os sexos como a relação entre senhor e escravos, então se dará conta que é privilégio dos senhores não ter que pensar continuamente sobre o fato de que são senhores. Ao contrário, a posição do escravo é tal que nunca o deixa esquecer isto. Não há dúvida nenhuma de que a mulher muito mais raramente perde o sentido do que ser mulher significa do que o homem a respeito do que é ser homem (SIMMEL, 1911 apud KIMMEL, 1998, p. 116).

Ao analisarmos a construção discursiva a partir de uma perspectiva de gênero, questionamos quais violências estamos apagando quando optamos por ver “a” realidade por uma só lente? E quando ela é explicada (e vendida) por um senhor? Em um país marcadamente racista como o Brasil, que produz uma continuidade moral, intelectual e estética para justificar as relações de dominação,

têm-se diferentes sentidos sobre a produção das masculinidades não-brancas. Deividson Faustino (2018, p.9) argumenta que “Enquanto “o negro não for um homem” (e sim um homem negro), e os brancos forem expressão universal da humanidade, a atração incontrolável pela mulher branca não será apenas reflexo de um padrão estético de beleza embranquecido e ocidentalizado”. Esse reflexo não se dá apenas nas masculinidades subalternas, como podemos ver através do discurso *redpill*.

Ao pensarmos a dimensão relacional do conceito de gênero, entendemos que a construção das masculinidades e feminilidades acontecem simultaneamente; a exemplo, a concepção de uma natureza passiva ao feminino e a cultura ativa ao masculino (BUTLER, 2018). Em oposição as teorias e gênero contemporâneas, o movimento *redpill* pauta o caráter natural e biológico do sexo binário que estabelece uma suposta complementação entre os sexos, no qual, pauta essa complementariedade através das relações amorosas com mulheres que “entendem” seu papel no lar e no casamento, que buscam ter filhos e ter o homem como o principal provedor.

Pensando nisso, a mentoria que o *coach* do Campari vende visa “identificar os comportamentos femininos que podem arruinar a vida de todos os homens”, comportamentos que ele define como “*red flags*”; isso inclui: vício em compras e/ou reality shows, “drama excessivo”, mulheres “surtadas”, “mentirosas patológicas”, *sugar baby*, mães solteiras e mulheres que tiveram “incontáveis” parceiros sexuais ou ainda aquelas que mantém homens do passado por perto. Aqui, evidencia-se a complexa rede de regulação social que polícia os sujeitos e seus comportamentos, em particular, as mulheres.

A partir da netnografia das redes sociais do influenciador podemos perceber que existe um sentido muito estrito do que é entendido como homem e mulher, no qual, quem é percebido como pessoas “de valor” são pessoas que possuem valores morais cristãos, como colocar a família em primeiro lugar (mesmo que esta seja permeada por violências), obediência e serventia. Não à toa, esses são valores gendrados e valorizados em mulheres. Sobre essa perspectiva, Letícia Nascimento (2022) retoma a concepção de Beauvoir para pensar que na nossa sociedade as mulheres determinam-se em relação aos homens, ocupando uma hierarquia de submissão em relação a eles, sendo, assim, marcadamente entendidas como o Outro do homem, impedidas de constituir um “ser para si”. As considerações de Grada Kilomba (2020) sobre a mulher negra, no entanto, apontam não haver uma relação de reciprocidade tampouco com a mulher branca, sendo assim, o Outro do Outro. Dessa forma, a pesquisadora complexifica essas concepções para pensar a experiência de mulheres transsexuais e travestis, que são impedidas de serem reconhecidas dentro das mulheridades e feminilidades.

Nesse sentido, essa invisibilidade é intensificada para as mulheres que ocupam outros lugares de vulnerabilidade, como mulheres negras, indígenas, transexuais e travestis, que no movimento *redpill* tem pouco (ou nenhum) lugar no “mercado sexual”. As mulheres “de valor” exaltadas no *site* do *coach* são mulheres jovens, brancas, magras, e, na sua maioria, loiras. Segundo o teórico Carlos Hasenbalg (2005), a raça faz essa estratificação social, onde o fenótipo por si só é um capital simbólico, onde a brancura da pele se torna uma posse por si só, fazendo com que esse capital simbólico gere possibilidades de virar capital material, o que podemos constatar a partir dessa netnografia, onde o casamento com uma mulher branca se constitui como o objetivo de vida a ser alcançado.

Considerações Finais

Por meio da análise de redes sociais, o presente texto buscou articular reflexões em torno do caso do Coach do Campari e como a ascensão da extrema direita propiciou o fortalecimento da ideologia *redpill*, baseada em ideais cristãos conservadores e no uso da violência como expressão de masculinidade.

Buscamos refletir sobre as masculinidades, no plural, entendidas como expressões da diferença sexual e dos processos combinados da racialização. Assim, embora esse movimento se apresenta como defensor dos direitos dos homens, através da noção que eles são as figuras que sofrem opressão pelo tecido social feminista, nos atentamos em mostrar que, na verdade, essa ideologia apenas se preocupa em manter os privilégios de uma parcela dos homens, a elite masculina branca.

É notório como os homens ditos *redpill*, criam padrões estéticos para as mulheres, e padrões também para eles mesmos. Dentro desses mesmos padrões, perpetuar a misoginia é um dos seus principais focos. Como vimos por meio de alguns trechos colhidos das redes sociais do *redpill* analisado, há todo um manual de como ser um homem como esse, e quais critérios seguir, focalizando em uma masculinidade hegemônica, branca e cisheterossexual.

Referências

- AMBRA, Pedro Eduardo Silva. *A noção de homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexuação a partir da história da masculinidade no Ocidente*. 2013. 128, pp. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BIROLI, Flávia. *Gênero, “valores familiares” e democracia*. In: BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos (orgs). *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. 224, pp.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2018.
- CAMPOS, Carmen Hein; BERNARDES, Márcia Nina. Ideologia de gênero e o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. *Rev. Estud. Fem.* 30 (3), 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/43NqLDdCy6Gjzb8BSPfj5H/?lang=pt>. Acesso: 17/07/2023.
- CONNELL, Robert W; MESSERCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.* 21. 1, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso: 14/07/2023.
- D’ANDRÉA, Carlos. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. Salvador: EDUFBA, 2020.
- DE SOUZA LIMA-SANTOS, André Villela; DOS SANTOS, Manoel Antônio. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/69802>. Acesso: 14/07/2023.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. “O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo.” *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014: 75–104.

- GARTON, Laura; HAYTHORNTHWAITE, Caroline; WELLMAN, Barry. 'Studying Online Social Networks', in Steve Jones (ed.), *Doing Internet. Research: Critical Issues in Methods for Examining The Net*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 1ªed, 1999, 348, pp.
- HASENBALG, Carlos *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos* [on-line]. 1998, v. 4, n. 9. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 10/05/2023.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó, 2020.
- KOZINETS, Robert. V. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na Contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2),110–117. 2018. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/78>. Acesso: 17/07/2023.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 809–840, 2008.
- MEIRA, Luís Antonio. Alves. *Infiltrado no chan: economia e linguagem do ódio*. 2020. p. 100. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Campinas, 2021.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Soc. estado*. 32 (03), Sep-Dec 2017: 725–748, pp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt>. Acesso: 20/07/2023.
- MOORE, Henrietta. "Compreendendo sexo e gênero". In: INGOLD, Tim (1ª ed.) – *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, 1997, p. 813–830.
- MOSCHKOVICH, Marília. "Família" e a nova gramática dos Direitos Humanos no governo de Jair Bolsonaro: (2019–2021). Maria Sibylla Merian International Centre for Advanced Studies in the Humanities and Social Sciences Conviviality-Inequality in Latin America, São Paulo, The Mecila Working Paper Series, 2023, 43, pp.
- NAGLE, Angela. *Kill all normies: online culture wars from 4chan to Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester: Zero Books, 2017.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo, Editora Jandaíra, 2021.
- PALMA, Isaac. 'As cores da masculinidade', de Mara Viveros Vigoya. *Revista Epistemologias do Sul*, 3.1, 2019, 200–208, pp. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2456>. Acesso: 20/07/2023.
- PAMPLONA, Roberta Silveira; BARROS, Bétina Warmling. As masculinidades à brasileira: um balanço das produções sobre o tema nos periódicos científicos. *BIB – Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (95). 2021, pp. 1-20. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/115>. Acesso: 10/07/2023.
- PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas*. São Paulo, Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- SAFATLE, Vladimir Pinheiro, JUNIOR DA SILVA, Nelson, DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo, Autêntica Editora, 2021.

VALENTE, M. *Misoginia na internet: uma década de disputas por direitos*. São Paulo, Fósforo Editora, 2023.

VAN VALKENBURGH, SHAWN P. Digesting the Red Pill: Masculinity and Neoliberalism in the Manosphere. *Men and Masculinities*, 24(1), 84–103, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1097184X18816118>. Acesso: 20/07/2023.

VILAÇA, GRACILA ; D'ANDRÉA, Carlos . Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas . *Revista Eco-Pós (on-line)*, v. 24, p. 410–440, 2021. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27703. Acesso: 20/07/2013.

ZANELLO, Valeska. . Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “casa dos homens”: um estudo sobre os grupos de WhatsApp masculinos no Brasil. In: Larissa Ferreira. (Org.). *Gênero em perspectiva*. 1ed. Curitiba: Editora CRV, 2020. 194, pp.